

PROGRAMA EDUCAÇÃO E FAMÍLIA

OFICINA PEDAGÓGICA



**ALFABETIZAÇÃO
E FAMÍLIAS**

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Secretaria de Educação Básica – SEB

Diretoria de Formação Docente e Valorização de Profissionais da Educação – DIFOR

Coordenação-Geral de Formação de Gestores e Técnicos da Educação Básica – CGFORG

Programa Educação e Família – PEF



MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Brasília/DF
2023

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	4
DESCRIÇÃO DA OFICINA	5
EXPECTATIVA DA OFICINA	6
TEMÁTICA E ORGANIZAÇÃO DA OFICINA	7
CADERNO DO FACILITADOR	10
Função do facilitador.....	10
Perfil do facilitador.....	10
Preparo do facilitador para a oficina.....	12
Antes do encontro/ da oficina	12
Durante o encontro/ a oficina	12
Depois do encontro/ da oficina	13
CADERNO DO PARTICIPANTE	15
Motivação para a participação dos participantes.....	15
Orientações para que o participante entenda o objetivo da oficina.....	16
Orientações para uma melhor participação dos participantes	16
Antes do encontro/ da oficina	17
Durante o encontro/ a oficina	17
Depois do encontro/ da oficina	17
Metodologia	19
Objetivos	19
Habilidades a serem desenvolvidas	20
Impacto esperado.....	21
Tempo geral da oficina.....	21
Público-alvo da oficina.....	21
Local da oficina	21
Divulgação.....	22
Recursos necessários	22
Recursos Humanos.....	22
Recursos Materiais	23
Recursos Financeiros.....	23
Avaliação	23
Referências.....	24
MÓDULOS DA OFICINA.....	26
MÓDULO 1: Famílias, comunidade e letramento	26
Detalhamento do tema do encontro.....	26
Etapas preparatórias	29
DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 1.....	30
Momento 1 – Quebra do gelo e sensibilização a partir de um texto literário	30
Momento 2 – Produção de um alfabeto (de A a Z) com palavras	32
Momento 3 - Os escritos na/da nossa comunidade.....	34
MÓDULO 2: Famílias, comunidade e letramento	36
Detalhamento do tema do encontro.....	36
Etapas preparatórias	40
DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 2	42
Momento 1 – Mobilização inicial - as escritas “domésticas”	42
Momento 2 – (Re)conhecendo as culturas escritas no cotidiano doméstico.....	43
Momento 3 - Formas de (re)ver e (re)ler o mundo.....	45
MÓDULO 3: Parceria entre família e escola na alfabetização	46
Detalhamento do tema do encontro.....	47
Etapas preparatórias	49
DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 2	50
Momento 1 – A alfabetização nos tempos em que estudamos.....	50
Momento 2 – Como a escola alfabetiza hoje?	52
Momento 3 - Escola e família juntas na alfabetização das crianças	53
Continuidade.....	54

APRESENTAÇÃO

A oficina apresentada nesse documento é uma proposta pedagógica vinculada ao **Programa Educação e Família**. A divulgação de saberes e a democratização do acesso ao conhecimento apresentado nesse documento é parte do compromisso do Programa Educação e Família.

OFICINA: Alfabetização e Famílias

PÚBLICO-ALVO: Familiares de crianças que frequentam o 1º e o 2º ano do ensino fundamental.

PERIODICIDADE: Sugere-se que os encontros sejam realizados mensalmente, tendo em vista que haverá atividades preparatórias.

DIVULGAÇÃO: Convite formal a ser enviado para a comunidade escolar. Também podem ser usados os meios digitais, com publicação nas redes sociais ou no *site* da unidade escolar (caso possua). Meios físicos podem, e devem ser usados de forma a intensificar o convite: produção de cartaz e/ou banner na entrada da escola, pátio e/ou murais.

FINALIZAÇÃO: Divulgação da oficina na aba “Projetos da Escola”, no aplicativo **Clique Escola**, após realização da oficina.

Ministério da Educação. [Autores.]

Alfabetização e Famílias. [Oficina pedagógica]. Distrito Federal: Autores, 2024. [Documento Eletrônico]. – Brasília/DF.

RECURSO DIGITAL FORMA DE ACESSO: World Wide Web

CAPA/DIAGRAMAÇÃO/IDENTIDADE VISUAL: Jéssica Veloso Morito

FORMATO: PDF.

1. Oficina. 2. Educação. 3. Programa Educação e Família. I. Título.

CDD – 371.37

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Recurso Educacional Aberto (REA)

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores. Além disso, é proibida a venda desse material que possui distribuição gratuita.

DESCRIÇÃO DA OFICINA

Esta oficina cujo tema é “Alfabetização e famílias” visa a integrar família e escola no processo de alfabetização e letramento das crianças, de maneira a propiciar maior articulação entre as ações da escola e o espaço doméstico e a vida cotidiana dos estudantes no convívio comunitário e social. Para esta articulação, é necessário que a família, em seu sentido ampliado (o de contemplar quem acompanha as crianças em casa), e a escola estabeleçam relações de integração envolvendo o conhecimento sobre as práticas de letramento que ocorre no espaço familiar, ao mesmo tempo, do conhecimento, pelas famílias, sobre as propostas de alfabetização da escola. A partir disso, a expectativa é que a escola dialogue com as práticas familiares de uso da leitura e da escrita e que as famílias se aproximem do que a escola desenvolve quando se propõe à alfabetização. Espera-se que família e escola reflitam juntas sobre as possibilidades de acompanhamento das crianças no processo de alfabetização e letramento.

Estudos desenvolvidos a partir da década de 80 do século XX vêm mostrando que o processo de alfabetização tem seus significados ampliados quando dialoga com os usos sociais da escrita na sociedade. Entende-se aqui que a alfabetização e o letramento compreendem processos multifacetados, que demandam trabalho pedagógico que perpassa diferentes aspectos dos usos da leitura e da escrita, indo desde o reconhecimento do sistema de escrita (tecnologia) aos usos sociais que fazemos do ler e do escrever nas mais diferentes situações sociais que vivenciamos.

Nessa perspectiva, ao pensar sobre a relação entre alfabetização e família, é importante destacar que não se propõe aqui o “repassê”, aos familiares, do papel da escola em alfabetizar as crianças. O que se propõe é uma reflexão mais ampliada sobre como as famílias podem atuar de maneira a enriquecer e fortalecer o trabalho pedagógico realizado em sala de aula, já que as práticas cotidianas envolvendo estudantes e familiares é permeada e mediada pelo uso da linguagem verbal, seja na modalidade oral seja na escrita da língua.

Conforme aponta Galvão (2016), é preciso pensar que as práticas de alfabetização na perspectiva aqui adotada têm como foco contribuir para a valorização do conhecimento de mundo das crianças, de suas famílias e das comunidades onde vivem, de maneira a ampliar as possibilidades de usos da leitura e da escrita considerando os contextos escolares e a vivência familiar e comunitária. Pesquisadores como Galvão

(2016) defendem que para que isso ocorra é necessário conhecer como as culturas escritas funcionam e que a cultura escrita trabalhada na escola é diferente daquela que se pratica em casa. Além disso, as práticas de interação com os textos, desenvolvidas nas famílias, podem ter apoio na oralidade ou na escrita, conforme o domínio dos familiares em relação a essas modalidades da língua.

Ao nos aproximarmos das diferentes culturas escritas, também podemos melhor pensar sobre as práticas de alfabetização em contexto escolar, estabelecendo diálogos profícuos e carregados de sentido entre essas duas realidades. Nessa linha argumentativa, é importante notar, conforme explicita Braslavsky (2004), em estudo realizado ainda nos anos 1990 pela *Association for the Evaluation of Educational Attainment*, que indicava que o contexto familiar era um fator bastante crítico para o desenvolvimento da alfabetização, por vezes ocasionando impedimentos na aprendizagem da leitura e da escrita, sobretudo por essas famílias entenderem que a escola era a única instituição encarregada da função de alfabetizar, devendo os familiares não se envolver com esse processo.

Nessa direção, diferentes estudos e pesquisas vêm mostrando desde então que, ao se fortalecer com as famílias as práticas de uso da leitura e da escrita nos mais diferentes contextos sociais, estreitando a relação dessas famílias com a escola, também o processo de alfabetização se amplifica e se fortalece, sendo o resultado mais suscetível ao sucesso.

EXPECTATIVA DA OFICINA

Em linhas gerais, a oficina objetiva pensar de que maneira é possível estreitar os laços entre escola, família e comunidade no exercício cotidiano da Educação básica em garantir a alfabetização como um direito cidadão às crianças brasileiras. Os resultados esperados são o conhecimento, pela escola, do modo como o letramento ocorre na comunidade e nas famílias, visando uma maior articulação entre as vivências das crianças na escola e em espaços não escolares; e o de que a família conheça melhor como a alfabetização é desenvolvida na escola, de maneira que possam intensificar ações que favoreçam atitudes, valores e comportamentos ligados à cultura escrita no espaço doméstico e na comunidade.

TEMÁTICA E ORGANIZAÇÃO DA OFICINA

A oficina será desenvolvida em três módulos (encontros), de modo a envolver o conhecimento sobre as práticas da comunidade e das famílias em torno da leitura e da escrita (dois primeiros módulos) e os modos de participação da família na alfabetização e no letramento das crianças (terceiro módulo). Com isso, a oficina se caracteriza pela participação ativa e integrada de profissionais da escola (na preparação de algumas tarefas), das crianças (que farão registros e algumas pesquisas) e de membros da família.

No primeiro módulo, o foco recai sobre a sensibilização do público alvo para o tema geral da oficina e para a ampliação da visão do que seja alfabetização e os usos sociais da leitura, da escrita e da oralidade. O conhecimento sobre como os escritos circulam e são usados na comunidade onde a família reside e participa da vida comunitária é uma porta de entrada importante para estabelecer relações entre escola, família e alfabetização. Por isso, na sua primeira parte, esse módulo irá trazer atividades que ajudem a mostrar como a cultura do alfabeto está presente na sociedade e os participantes vão ouvir a leitura de textos de memória que falam sobre a experiência de escrever fora da escola. Também irão ouvir músicas e construir um alfabeto relacionado às emoções ligadas às brincadeiras com a escrita. Seguidamente a essa primeira parte, serão propostas atividades que visam envolver familiares, estudantes e professores na análise de uma pesquisa prévia feita pelas crianças na comunidade, a partir dos escritos encontrados por elas. Será construído um painel denominado “A escrita na minha comunidade: um primeiro olhar”, de modo que os participantes da oficina possam refletir sobre a os usos da escrita na sua comunidade.

No segundo módulo, o foco recai sobre a compreensão e a identificação de como a leitura, a escrita e a oralidade estão presentes no cotidiano das famílias, mesmo que não percebam de imediato. Com isso, buscar-se-á refletir sobre como as pessoas do convívio doméstico podem contribuir com as práticas de alfabetização na escola, a partir da observação e intensificação de situações comuns do dia a dia no que tange ao uso da leitura e da escrita. Para isso, esse segundo módulo se organizará em três momentos: no primeiro, será trabalhada a sensibilização dos participantes para a troca de mensagens com as crianças, de maneira que elas usufruam de modo mais afetivo da cultura escrita; no segundo, serão explorados os dados da pesquisa originada do questionário aplicado às famílias; no terceiro, serão provocadas reflexões sobre as práticas de leitura e escrita

desenvolvidas no espaço doméstico, apresentadas a partir dos registros das crianças e da coleta de material escrito existente em casa. Importante destacar que esse segundo encontro contará com várias atividades prévias desenvolvidas com as crianças e pela escola, sendo uma delas a “Caçada aos escritos de minha casa”.

No terceiro e último módulo, o foco recai sobre as possibilidades de trabalho articulado entre a escola e as famílias no processo de alfabetização e letramento. Seu desenvolvimento visa reconhecer as vivências de uso da leitura e da escrita por parte das famílias, apresentar as práticas desenvolvidas com as crianças na escola e refletir sobre como as famílias podem participar do processo de alfabetização desses estudantes. Será, portanto, um momento de culminância no qual familiares e escola vão discutir as possibilidades de articulação entre eles no trabalho em torno da alfabetização e do letramento, buscando compreender o que a escola faz, quais as dificuldades encontradas pelas crianças e como o cotidiano doméstico e comunitário podem propiciar reflexões sobre os usos da leitura, da escrita e da oralidade que propiciem um ambiente alfabetizador. Considerando que já foram desenvolvidas discussões sobre como a comunidade e o espaço doméstico revelam práticas de uso da língua escrita fora da escola, o momento desta oficina será destinado a pensar articulações possíveis entre o que a escola faz e o que os familiares podem fazer em relação à alfabetização e ao letramento. Para isso, serão explorados alguns temas:

- O que faz a escola quando alfabetiza;
- Como articular os saberes das famílias com as práticas escolares;
- Como a família pode se envolver com as práticas escolares;
- Como pode a escola fomentar/induzir práticas de leitura e escrita em casa.

Para a consecução dos objetivos desse terceiro módulo, são previstos momentos e estratégias a partir das quais os participantes possam relatar e refletir sobre como ocorreu (ou não) sua alfabetização. Também a equipe gestora e pedagógica da escola irá apresentar, por meio de diversos recursos e estratégias (vídeos, relatos de professores, exposição de materiais), o modo como desenvolvem as práticas de alfabetização na rotina escolar. Após isso, para encerrar a oficina como um todo, serão apresentadas propostas sobre como as famílias podem contribuir para a alfabetização a partir da construção de um roteiro de ações. Estas ações serão discutidas com os participantes visando ampliar seu olhar e, ao mesmo tempo, conhecer as condições que favorecem ou não favorecem a participação das famílias na alfabetização e no letramento das crianças.



CADERNO DO
*F*acilitador

OFICINA / ALFABETIZAÇÃO

CADERNO DO FACILITADOR

O facilitador será a pessoa que desempenhará a função de orientar, instruir e mediar a atividade na oficina.

Função do facilitador

O facilitador é o mediador que vai conduzir o grupo, liderar as interações durante o trabalho. Ele é um profissional que trata da aprendizagem e do ensino, podendo ser um integrante da comunidade escolar ou um profissional de área específica ligada ao tema. O facilitador é quem conduzirá os trabalhos e auxiliará o grupo ou determinado participante, quando essa ajuda pontual for necessária. O facilitador deve conhecer o tema, explorar as potencialidades do grupo e mediar quando houver algum conflito. Seu trabalho exige sensibilidade e habilidades sociais e cognitivas para interpretar os acontecimentos, as ações e as respostas do grupo às propostas, levando os participantes a refletir sobre o tema. É fundamental que o facilitador esteja atento ao desenvolvimento da oficina e tenha amplo conhecimento sobre o tema, de modo a evitar eventuais desconfortos ou constrangimentos no que tange às experiências dos participantes com relação à alfabetização que tiveram.

Perfil do facilitador

O facilitador deve ser parte do grupo que conduzirá a oficina. Quando houver convidados externos, é necessário que esteja presente um membro do corpo escolar na mediação. Sua posição de mediador supõe que ele interprete as ações, gestos, expressões e produções orais e escritas dos participantes como representações de sua identidade, dos seus valores e modos de ver a realidade. Dessa maneira, o grupo de participantes também será atento e ativo, tendo como modelo um facilitador que respeita seus modos de interpretar o mundo. A oficina, quando bem conduzida, leva o grupo a negociar posições e chegar a um patamar diferente após a vivência de cada um dos módulos/encontros.

O facilitador exerce uma função de liderança:

Essa liderança ocorre quando ele cria um espaço de participação no qual o grupo se envolve nas atividades propostas, reflete e propõe soluções. Cabe a ele motivar o grupo e conduzir os trabalhos da oficina, argumentando sobre seus objetivos e estratégias. Sua posição de líder supõe que ele possa identificar, nas falas e gestos dos participantes, como eles estão se envolvendo no tema e nas ações propostas, de maneira que todos se sintam valorizados em suas expressões, contribuições e busca de soluções.

Cabe a ele apresentar a proposta, dar explicações claras sobre o que espera atingir, ajustar os procedimentos, fazer retomadas entre os encontros, visando recuperar o que foi vivido e ajudar o grupo a fazer sínteses e avaliações. O líder se prepara, antecipando problemas e soluções em função do roteiro, retoma as falas, propõe reflexões e leva o grupo a refletir sobre as posições de todos em direção a um foco comum.

Cabe a ele conduzir o grupo e fortalecer sua identidade e coesão, mediante uma postura de empatia (colocar-se no lugar e na lógica dos outros) e escuta atenta dos participantes, trabalhando para que não haja desistência. O lugar de liderança que ele ocupa pode ser exercido na sequência dos três módulos da oficina ou alternado com outro facilitador, entre os módulos.

Espera-se do facilitador as seguintes habilidades:

- **Organização:** planejar e se preparar para a oficina e manter tudo em ordem para seu funcionamento;
- **Escuta atenta:** saber escutar os participantes e interpretar suas posições e motivações;
- **Liderança:** atuar como líder, propondo, interpretando, refazendo o que for necessário;
- **Gestão do tempo:** saber administrar os momentos e tempos da oficina;
- **Empatia:** colocar-se no lugar do outro e do grupo, visando compreender suas lógicas e o porquê de suas posições;
- **Pontualidade:** respeitar o tempo e administrar o tempo entre a expectativa e a realização efetiva do encontro;
- **Criatividade:** saber traçar rumos a partir do que ocorre no momento da oficina;
- **Capacidade de síntese:** pontuar as conclusões e decisões tomadas ao final da oficina e entre momentos da oficina;
- **Foco:** saber retomar e voltar ao objetivo e conteúdo da oficina, quando seu conteúdo for desviado;
- **Clareza:** saber explicitar os objetivos, as estratégias e as expectativas do encontro;

- Ética e sigilo: manter o que é discutido apenas no grupo e publicizar o que foi acordado com o grupo;
- Habilidades socioemocionais: saber ouvir posições diferentes, fazer a gestão de conflitos;
- Flexibilidade: atuar com o planejado, mas aproveitar situações novas para enriquecer as interações e o conteúdo;
- Gosto pela literatura: demonstrar e apreciar os textos literários como forma de fruição, reflexão e encantamento; e
- Experiência em alfabetização: ter conhecimento sobre a forma como a alfabetização é trabalhada na escola.

Preparo do facilitador para a oficina

O planejamento é a ação fundamental para garantir que a oficina possa atingir seus objetivos e resultados esperados. Permite saber o que deverá ser preparado com antecedência, quais alternativas buscar frente aos imprevistos e quais soluções são possíveis para os novos rumos que se apresentam. Por isso, a ação de planejar envolve a organização prévia das ações, a antecipação de eventuais dificuldades, a avaliação processual e o redirecionamento do planejamento inicial.

Antes do encontro/ da oficina

1. Organizar um tempo para estudar o conteúdo e as propostas dos módulos e da oficina como um todo;
2. Preparar materiais de apoio (folhas, cartazes, arquivos digitais, textos que serão lidos pelos participantes, entre outros);
3. Retomar a leitura de sínteses sobre o encontro/módulo anterior;
4. Preparar os materiais para registro do encontro (caderno para diário de campo e anotações sobre falas e decisões);
5. Preparar o ambiente previamente para receber os participantes;
6. Fazer os informes necessários para os participantes.

Durante o encontro/ a oficina

1. Retomar o módulo anterior para criar ligações e conexões entre as propostas e entre

os participantes;

2. Solicitar permissão para fazer registros e explicar sua finalidade (retomada, apoio à memória, necessidade de registro e avaliação para uma próxima reunião e para outras oficinas similares);
3. Explicar claramente a proposta do dia, especificando momentos e tempos previstos e solucionando dúvidas;
4. Interpretar as condições de realização das discussões e da produção de registros, perguntando ao grupo sobre quem se sente mais à vontade para anotar ou para falar;
5. Motivar todos a participar de momentos de sensibilização no início do encontro e ao longo de seu desenvolvimento, respeitando os mais tímidos;
6. Escutar a todos, sem focalização maior num grupo ou numa pessoa;
7. Retomar o que dizem os participantes fazendo a ponte entre as pessoas, as posições e as soluções;
8. Distribuir papéis entre os participantes, procurando interpretar como eles se mobilizam, se há algum constrangimento para fazer o que foi pedido ou desejo de liderar algum registro ou tarefa;
9. Ser sensível às ideias, às emoções e às proposições do grupo;
10. Oferecer apoio aos grupos, esclarecendo dúvidas e usando membros da escola para ajuda no registro ou relato da atividade, quando houver uma síntese das discussões;
11. Fazer um registro ou síntese da experiência, ressaltando o papel de todos na construção e incentivando o grupo a participar da próxima oficina, se houver.

Depois do encontro/ da oficina

1. Avaliar, com os participantes, o encontro/módulo;
2. Anotar sugestões e encaminhamentos do grupo;
3. Esclarecer alguma dúvida ou questão dos participantes;
4. Recolher registros ou produções, assim como os materiais do encontro;
5. Fazer uma autoavaliação sobre o alcance dos objetivos e sobre o que não conseguiu atingir.



CADERNO DO
Participante

CADERNO DO PARTICIPANTE

Os participantes da oficina podem ser qualquer familiar ligado diretamente à rotina e ao cotidiano das crianças matriculadas no ciclo de alfabetização da escola. Entende-se o conceito de familiar em sentido amplo, portanto, não restrito a laços sanguíneos ou de parentesco próximo. Trata-se da noção de familiar/família extensiva a todos aqueles que convivem e mantêm vínculos de afinidade e afetividade com as crianças.

Motivação para a participação dos participantes

Para o desenvolvimento da oficina, é fundamental reconhecer que os participantes são os protagonistas de toda a ação. Sem a participação ativa deles, bem como a exploração de suas potencialidades e valores, a oficina não poderá atingir seus objetivos de forma plena e satisfatória. Por isso, é fundamental reconhecer que cada um dos participantes tem a sua singularidade e que é essa singularidade que compõe e produz o coletivo.

Sendo assim, a partir dos interesses pessoais, das vivências, das dificuldades e das potencialidades de cada um, o grupo pode tomar maior consciência sobre os papéis que pode desenvolver, reconhecendo-se como agentes de mudança nas práticas de alfabetização e letramento das crianças com as quais convivem no ambiente doméstico e comunitário.

Por isso, estimular a motivação dos participantes é chave essencial para o desenvolvimento da oficina, o que deve se dar primeiro pelo empoderamento desses sujeitos mediante a valorização de seus saberes e de suas práticas com relação aos usos da leitura e da escrita.

Também é imprescindível propiciar aos participantes, sempre de forma acolhedora e empática, a análise de sua realidade, buscando valorizar suas experiências e propiciando ampliá-las a partir das interações motivadas em cada um dos encontros/módulos.

Além desses pontos, pode-se utilizar das seguintes estratégias para motivar os participantes a participar da oficina:

1. Comunicação eficaz: explicar com clareza os objetivos da oficina, de modo que os participantes compreendam o que se espera deles;

2. Sensibilização: promover o envolvimento dos familiares com tema, mostrando que todos podem contribuir, à sua maneira, com a construção de um ambiente que favoreça a alfabetização das crianças;
3. Participação ativa: envolver os participantes nas ações, sempre com atenção e respeito aos tempos, personalidades e interesses de cada um;
4. Estímulo à coletividade: a partir dos perfis individuais, focar no coletivo, mediante a busca de situações que perpassam as múltiplas realidades; e
5. Acolhimento: propiciar aos participantes espaços e momentos convidativos, nos quais se sintam seguros e acolhidos em suas expressões e vivências.

Orientações para que o participante entenda o objetivo da oficina

O ponto crucial para garantir aos participantes o entendimento sobre os objetivos da oficina é o estabelecimento de um canal de comunicação efetivo e eficiente.

É importante informar aos participantes sobre o tema da oficina, os objetivos propostos, os resultados esperados, as etapas previstas, a técnica escolhida e a dinâmica do diálogo, para que se sintam seguros e confortáveis.

Os agentes organizadores e o facilitador devem manter-se em constante comunicação com os participantes, buscando uma linguagem clara, objetiva e regular. É preciso observar que alguns conceitos, termos ou expressões podem ser pouco comuns para sujeitos não envolvidos com o cotidiano escolar. Daí o cuidado com a adequação discursiva, bem como com a explicação mais pormenorizada de algumas questões que se façam imprescindíveis para o bom andamento da oficina.

Recomenda-se também buscar dinamicidade na comunicação, com variação de suportes/meios de interação, o que ajuda a romper com a eventual monotonia e identificar os meios de comunicação e interação mais adequados para o grupo de participantes.

Orientações para uma melhor participação dos participantes

A participação efetiva e ativa dos participantes perpassa a construção de um ambiente acolhedor, com clareza de informações e com direcionamento adequado e efetivo por parte do facilitador. Para isso, sugere-se algumas ações antes, durante e depois de cada módulo:

Antes do encontro/ da oficina

1. Dedicar um tempo para compreender a proposta do encontro e o que se espera dos participantes;
2. Refletir sobre o que foi discutido no encontro anterior;
3. Anotar eventuais dúvidas ou registrar comentários e ideias que possam ser debatidas/discutidas;
4. Produzir/preparar o material indicado como necessário para o encontro.

Durante o encontro/ a oficina

1. Compreender e respeitar os turnos de fala;
2. Estar atento a tudo que acontece durante o encontro;
3. Evitar o uso de aparelhos celulares ou outros equipamentos que possam gerar distração;
4. Estar aberto e sensível as emoções e ideias dos outros;
5. Compreender que o momento do e
6. Compreender o encontro como espaço de acolhimento e respeito, por isso sentir-se à vontade para expressar suas ideias, experiências e dúvidas;
7. Colocar-se na postura de aprendizado com divergências e eventuais conflitos;
8. Buscar objetividade na fala e respeitar a participação de todos;
9. Realizar anotações ou registros sempre que necessário;
10. Mostrar-se proativo e participar de todas as ações que forem propostas.

Depois do encontro/ da oficina

1. Refletir sobre os objetivos do encontro;
2. Anotar as dúvidas, se sentir que algo ficou pendente ou foi pouco abordado;
3. Anotar toda e qualquer proposta que surgir, a fim de compartilhar com o grupo depois.

Oficina

OFICINA

EIXO DO PROGRAMA: Alfabetização e família - Compromisso Nacional
Criança Alfabetizada

Metodologia

A oficina estrutura-se a partir da articulação entre conhecimentos de natureza teórica e prática, organizados sob a perspectiva de trilhas formativas. Essas trilhas apresentam-se no formato de três módulos, cada um correspondente a um encontro presencial, no qual serão desenvolvidas atividades de formação e reflexão sobre os usos da leitura, da escrita e da oralidade no contexto escolar, familiar e comunitário, de modo que as famílias compreendam como podem contribuir para o processo de alfabetização mediante a construção de um ambiente alfabetizador no dia a dia das crianças.

Do ponto de vista teórico, a oficina irá perpassar por conceitos e práticas de alfabetização e de letramento que configuram a ação escolar. Com isso, visa-se esclarecer como a leitura e a escrita se fazem presentes na vida de todas as pessoas, independentemente da autonomia que temos em seu uso.

Com relação às atividades práticas, elas se darão a partir de atividades desenvolvidas pelos participantes, a fim de que esses possam expressar seus saberes e vivências, além de refletir sobre como situações corriqueiras de sua rotina podem corroborar para o processo de alfabetização e letramento.

Importante destacar que a oficina não tem como propósito instruir as famílias para que estas desenvolvam práticas de alfabetização. Esse papel compete à escola. O foco está na construção de uma relação de parceria e cooperação entre a instituição escolar e a família, de modo a fortalecer as ações em torno da alfabetização e do letramento das crianças em fase de escolarização.

Ainda com relação à metodologia da oficina, ela será dirigida por um ou mais facilitadores, direcionando os participantes a refletir e participar das atividades teóricas e práticas propostas.

Objetivos

Essa oficina tem como objetivo geral pensar de que maneira é possível estreitar os laços entre escola, família e comunidade no exercício cotidiano da Educação básica em garantir a alfabetização como um direito cidadão às crianças brasileiras.

Quanto aos objetivos específicos, temos:

- Fortalecer a participação da família na vida escolar;
- Conhecer, por parte da escola, os modos como o letramento ocorre na comunidade e nas famílias, visando uma maior articulação entre as vivências das crianças em sala de aula e em espaços não escolares;
- Formar as famílias para melhor compreensão sobre como a alfabetização é desenvolvida na escola, de maneira que possam intensificar ações que favoreçam atitudes, valores e comportamentos ligados às culturas escritas no espaço doméstico e na comunidade; e
- Conhecer de que maneira escola e família podem atuar em conjunto, respeitando e reconhecendo os papéis de cada uma no processo de alfabetização e de letramento.

Habilidades a serem desenvolvidas

As habilidades são aqui entendidas como conhecimentos necessários para o desenvolvimento de ações que se inter-relacionam com a temática da oficina, nesse caso, a alfabetização e o letramento.

Com isso, o que se busca não é instruir as famílias sobre como devem desenvolver práticas de alfabetização e letramento, uma vez que este é o papel da escola, mas como podem, ao entender melhor como se dá o processo de aprendizagem da leitura e da escrita, atuar de modo a enriquecer essas práticas para além do contexto escolar. Por essa razão, o desenvolvimento da oficina visa a promover o desenvolvimento das seguintes habilidades:

- reconhecer a presença e os usos domésticos e comunitários da língua escrita no dia a dia;
- valorizar os diferentes conhecimentos e saberes com relação aos usos da leitura e da escrita;
- desconstruir preconceitos e estigmas em relação às práticas de alfabetização;
- exercitar a curiosidade e a criatividade;
- ampliar as práticas de comunicação e de interação a partir das culturas escritas;

- conhecer os benefícios das tecnologias digitais no cotidiano e para a aprendizagem da língua escrita;
- compreender o papel e a tarefa da escola em promover a alfabetização e o letramento; e
- reconhecer a alfabetização como direito cidadão de todas as pessoas.

Impacto esperado

Mediante a consecução dos objetivos e das habilidades previstas com a oficina, espera-se que escola e família possam atuar de maneira integrada e colaborativa na superação do desafio em alfabetizar todas as crianças brasileiras, garantindo as aprendizagens necessárias para o exercício autônomo da cidadania.

Tempo geral da oficina

A oficina se organizará em três módulos de 2h30 para cada, com intervalo de 15 a 20 minutos, ao final, será totalizado o tempo de 6h30 em atividades realizadas presencialmente, no local definido pela equipe responsável pela oficina.

Público-alvo da oficina

A oficina se destina aos familiares de crianças matriculadas no ciclo de alfabetização, entendendo esses familiares como sendo qualquer pessoa ligada ao cotidiano e à rotina escolar dessa criança, independentemente da vinculação parental.

Local da oficina

Recomenda-se que a oficina seja realizada na própria escola, em uma sala ou espaço devidamente preparado para recepcionar os participantes e que disponha dos recursos necessários para as atividades propostas para cada um dos módulos, além de garantir conforto e acolhimento adequados.

Sugere-se evitar organizar o local de maneira que reproduza a lógica de organização formal e tradicional da sala de aula. Isso pode acarretar em certo intimidamento inicial dos participantes.

Ainda com relação ao local, é fundamental também preparar um espaço para recepção das crianças que porventura precisem acompanhar os participantes nos encontros presenciais.

Divulgação

A divulgação da oficina é um elemento essencial para a sua realização. Sem o conhecimento dos familiares e a sua respectiva adesão, não há como se desenvolver as ações aqui propostas e atingir os objetivos previstos.

Em face disso, sugere-se que a divulgação ocorra mediante as seguintes iniciativas:

- produção de convite formal a ser enviado aos familiares, pelas crianças;
- divulgação em redes sociais ou no site da escola, caso esta possua um desses recursos;
- exposição de cartazes na entrada da escola e em espaços estratégicos da comunidade;
- convite oral por meio de ligação telefônica; e
- envio de convite formal por meio de mensagens de Whatsapp ou SMS.

Recursos necessários

Para o desenvolvimento da oficina, são necessários alguns recursos imprescindíveis, os quais compõem o ambiente de aprendizagem de modo a favorecer e motivar o interesse e participação dos participantes.

A depender da realidade concreta da escola, os recursos podem ser adaptados mediante planejamento prévio, garantindo que a oficina possa ser realizada de forma integral e sem prejuízos para o processo previsto.

Recursos Humanos

Para a implementação da oficina, a Escola poderá fazer parcerias com *profissionais* aptos a desenvolver o trabalho com a comunidade escolar.

- 1 facilitador para cada encontro (podendo ser o mesmo para os três encontros);
- Monitores para assessorar o facilitador;

- Monitores para acompanhar as crianças que eventualmente tenham que estar junto com os familiares nos dias e horários dos encontros;
- Familiares das crianças matriculadas no ciclo de alfabetização (público-alvo).

Recursos Materiais

- Projetor multimídia;
- *Notebook*;
- Lousa;
- Folhas de papel A4;
- Canetas;
- Pincéis;
- Cola;
- Papel *kraft*;
- Aparelho celular (para o facilitador);
- Impressora.

Recursos Financeiros

O PDDE Educação e Família é a ação que possibilita o repasse de recursos financeiros a escolas selecionadas para viabilizar a execução do Plano de Ação da escola, incluindo esta proposta de oficina. Os recursos financeiros repassados pelo PDDE Educação e Família são de custeio e poderão ser utilizados para a contratação de serviços e compra de material de consumo necessários para a execução da oficina.

Cumpramos esclarecer que as despesas com custeio são aquelas que correspondem aos gastos para manutenção dos serviços ou com a aquisição de um bem de capital que não ficará como patrimônio, por exemplo: papel, impressão e materiais para uso dos participantes.

Avaliação

A avaliação será feita ao longo de cada módulo/encontro, visando compreender como os participantes receberam e interagiram com as propostas. A avaliação final será feita em torno da questão: Como utilizar o que aprendemos para auxiliar as crianças a ler e escrever em casa e na escola?

Família e facilitador devem fazer uma lista de situações do cotidiano doméstico que geram interesse das crianças pela leitura e pela escrita e que podem ser utilizadas como potencializadoras das práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas na escola.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diálogo com as famílias: a leitura dentro e fora da escola*. Brasília: MEC/SEB, 2016.

BRASLAVSKY, B. *Primeras letras o primeras lecturas? Una introduction a la Alfabetizacion Temprana*. Buenos Aires: Fundo de cultura econômica, 2004.

CÂNEDO, L.B. A família, a escola e a questão educacional. *Leitura: Teoria e Prática*, v. 12, n. 21, 1993.

CARVALHO, M. E. P.; BURITY, M. H. Dever de casa: visões de mães e professoras. In: Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação - Anped, 28., 2005, Caxambu. *Anais...* Caxambu: ANPED, 2005.

CHARTIER, A., CLESSE, C., HÉBRARD, J. *Ler e escrever. Entrando no mundo da escrita*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1996.

DI NUCCI, E. P. Interesses e dificuldades dos pais na alfabetização dos filhos. *Psicologia Escolar e Educacional*, n. 1, v. 2-3, 1997.

FERRARO, A. *História inacabada do analfabetismo no Brasil*. São Paulo. Cortez, 2009

GALVÃO, A. M. de O. Crianças e cultura escrita. In: BRASIL, Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. *Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil: práticas e interações*. Brasília. 2016.

HEATH, S. B. *Ways with words: language, life and work in communities and classrooms*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LACASA, P. Ambiente familiar e educação escolar: a interseção de dois cenários educacionais. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PAULA, J. D. A influência da Família no Processo de Alfabetização. *Revista Thema*, v. 9, n. 2, 2012.

PEREIRA, A. P. Memórias de alfabetização no espaço doméstico: mobilizações e estratégias familiares em torno do ensino-aprendizagem da leitura e da escrita. *Dissertação* (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

SANTOS, P. A. S. C. Escola e família: investimentos e esforços na alfabetização de crianças. *Tese* (Doutorado em Educação) – Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte. Autêntica, 2018

SOUZA, M. S. P. Abecedários, Brasil: contribuições à história dos impressos e sua circulação nos anos 1936 a 1984. Porto Alegre: UFRGS, 2015. 152f. *Dissertação* (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SOUSA, A. P.; FILHO, M. J. A importância da parceria entre família e escola no desenvolvimento educacional. *Revista Iberoamericana de Educación*, n. 44, v.7, jan./2008. 2008.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014

SZYMANSKI, H. A relação família/escola: desafios e perspectivas. Brasília: Plano Editora, 2001.

VIEIRA NETA, E. S.; SILVA, D. R. M. A importância da família na alfabetização da criança. *Revista Interação*. a. X, n. 2, 2014.

VIEIRA, f. S.; LIMA, M. G. S. Escola, professores e famílias: fios que conectam a alfabetização e letramento na infância. *Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação*. v. 8, n. 1, 2022.

VÓVIO, C. Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. In: FRADE, I. C. A. da S.; COSTA VAL, M. da G.; BREGUNCI, M. das G. de C. (Org.) *Glossário Ceale: Termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores*. Belo Horizonte: Faculdade de Educação/UFMG. 2014.

Material literário para uso na oficina, com ampliação

BRANDÃO, I. L. *O menino que vendia palavras*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2016.

CALTABIANO, M. *O menino que não sabia ler*. São Paulo: Matrix, 2022.

FERNANDES, A; KONDO, D. *Feira feroz*. São Paulo: VR, 2022.

FRAGATA, C.; MATSUSHITA, R. *Alfabeto escalafotético: um abecedário poético*. São Paulo: Jujuba, 2013.

GUÉRY, A.; DUSSUTOUR, O. *Alfabarte*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2014.

LESTRADE, A. *A grande fábrica de palavras*. São Paulo: Aletria, 2010.

PAES, J. P. *Uma letra puxa a outra*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 1992.

PRATA, A. *Esconde-esconde*. São Paulo: Ubu, 2021.

QUEIRÓS, B. C. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. São Paulo. Global. 2004

QUEIRÓS, B. C. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. São Paulo: Global, 2019.

RAMOS, G. *Infância*. São Paulo: Record, 2020.

ROCHA, R. *O menino que aprendeu a ver*. São Paulo: Salamandra, 2013.

ZERBINI, C. *O tio + oito*. São Paulo: Caixote, 2021.

MÓDULOS DA OFICINA

A oficina é uma metodologia de trabalho que prevê a formação colaborativa, prevendo momentos de interação e troca de saberes, a partir da horizontalidade, na construção do que é proposto. Optamos por propor a construção dessa oficina em três etapas, pensando em passos importantes: a construção do espaço de acolhimento, usado para os encontros da oficina; os encontros que ocorrem semanal ou quinzenalmente; e a finalização com encaminhamentos para práticas de prevenção de violência na escola.

MÓDULO 1: Famílias, comunidade e letramento

O tema deste módulo/encontro se relaciona com um aspecto importante: o conhecimento sobre as práticas de alfabetização e letramento das famílias a partir dos usos da escrita pela comunidade, o que será, nas oficinas 2 e 3, relacionado com as práticas desenvolvidas em casa e na escola. O conhecimento sobre como os escritos circulam e são usados na comunidade onde a família reside e participa é uma porta de entrada importante para estabelecer relações entre escola, família e alfabetização.

Foco do módulo: sensibilização do público alvo para o tema e ampliação da visão do que seja alfabetização e dos usos sociais da leitura, da escrita e da oralidade.

Detalhamento do tema do encontro

As expectativas sobre a participação das famílias na vida escolar dos filhos e especialmente na sua alfabetização passam, por vezes, por uma visão estereotipada e idealizada de uma família nuclear, composta por pai, mãe e irmãos e por uma idealização de que todos em casa tiveram acesso à escolarização, portanto, que sabem ler e escrever,

com disponibilidade de tempo para acompanhar e auxiliar as crianças no processo de aquisição da língua escrita. No entanto, numa dimensão cultural e social mais ampliada, nem todas as famílias são compostas da mesma forma, nem todas tiveram oportunidades de frequentar a escola por um período maior, ou muitas vezes sequer tiveram a oportunidade de frequentar a escola ou de se alfabetizar. Reconhecer essas múltiplas realidades é o primeiro passo para se pensar como as práticas de alfabetização na escola devem ser conduzidas, assim como identificar de que maneira os usos da leitura e da escrita no ambiente doméstico e comunitário podem favorecer esse processo.

Frente ao exposto, um primeiro aspecto a se refletir quando pensamos na relação entre família, comunidade, escola e alfabetização diz respeito aos níveis de domínio da leitura e da escrita de nossa sociedade. Para isso, existem alguns índices estatísticos, como o CENSO da população brasileira, o qual é aplicado a cada 10 anos e que foca, dentre outras coisas, na identificação de pessoas alfabetizadas ou não alfabetizadas. Para isso, algumas das perguntas focais do CENSO recaem sobre quanto tempo os informantes frequentaram a escola e se sabem ler e escrever um bilhete simples. Esses dados permitem formular uma visão geral das condições de alfabetização da sociedade brasileira, o que possibilita compreender como o acesso à leitura e à escrita se dá nas diferentes regiões do país e em cada estado e município da federação.

Apesar, no entanto, de as pesquisas desse tipo serem fundamentais para pensar políticas e práticas de alfabetização em nossa sociedade, são em certa medida limitadas, pois não ajudam a conhecer de maneira profunda como as pessoas usam a escrita em seu cotidiano. Elas carecem de subsídios mais aprofundados para se repensar as práticas de uso da leitura e da escrita no dia a dia das pessoas, em processos de interação e interlocução entre sujeitos e com o mundo.

Visando a aprofundar em alguns aspectos esse tipo de compreensão, foi criado em 2001 o INAF (Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional), que busca produzir um retrato do alfabetismo no Brasil, em especial com foco nos usos da escrita feitos pela população adulta, assim como sobre algumas de suas condições de participação na cultura escrita. No entanto, ainda assim raramente conseguimos dados mais aprofundados para conhecer, numa dimensão mais próxima das pessoas com as quais as crianças convivem, as práticas e usos da leitura e da escrita das famílias e das comunidades onde a escola está inserida. Por não saber o sentido que as famílias e seus membros dão ao ler e ao escrever e, por consequência, como lidam com o que os filhos vivenciam quando estão sendo alfabetizados, a escola tem mais dificuldade de fazer uma ponte com a família.

Nesse sentido, o primeiro passo para mudar essa realidade é desmontar alguns estereótipos, para, em seguida, compreender como as práticas de uso da leitura e da escrita no cotidiano das famílias e da comunidade podem enriquecer e favorecer o processo de alfabetização desenvolvido no âmbito da escola.

Nessa direção, cabe a leitura de um de Ana Maria de Oliveira Galvão, reproduzido abaixo, o qual ajuda a refletir sobre a pluralidade de formas com as quais as famílias lidam com a escrita e nos incentiva a encontrar modos de conhecer as práticas de uso da escrita das famílias:

Para que isso ocorra, é necessário, antes de tudo, conhecer essas culturas escritas. Não é raro, por exemplo, encontrarmos famílias que guardam os livros de literatura recebidos pelo governo para seus filhos em um lugar de destaque na casa, sem nunca os ter manuseado nem deixado as crianças manuseá-los, para não “estragarem”. É possível até mesmo depararmos com pais que vendem os livros recebidos e avós analfabetas que ficam tensas ao entrar em contato com a palavra escrita (por medo do preconceito, por verem seus saberes e suas experiências cada vez mais desvalorizados...). É comum, por outro lado, vermos famílias em que esses livros e também os que são emprestados das bibliotecas escolares são colocados à disposição dos meninos e meninas e se tornam efetivamente objetos de leitura, de fruição estética, de informação. Esses diferentes gestos em torno do livro podem nos dar elementos sobre os lugares simbólicos e materiais que o escrito ocupa no cotidiano das crianças, de suas famílias e de suas comunidades. A compreensão dessas lógicas muitas vezes distintas das nossas vai nos fazer valorizar outras linguagens e, ao mesmo tempo, outras formas de aproximação da cultura escrita, como a narrativa de histórias orais, a rima, o verso, a leitura informativa (e não apenas literária), a audição de versículos da Bíblia. Vai, ainda, fazer-nos reconhecer que analfabetos e semialfabetizados (entre os quais estão muitas bisavós, avós, pais, mães, tios e tias das nossas crianças) são produtores de cultura. (GALVÃO, 2016, p. 27).

Nesta citação, vemos que as famílias têm modos diferentes de lidar com os livros e outros materiais escritos. Para alguns, é comum disponibilizarem livros impressos, jornais, folhetos ou correspondências para as crianças que estão se alfabetizando. Outras famílias, por não terem acesso e condições de comprar materiais como os descritos acima, ficam muito orgulhosas por terem acesso a livros através da escola, deixando em suas estantes os livros didáticos dos filhos, como forma de preservar esses materiais como os primeiros a que os filhos tiveram acesso. Há, ainda, outras famílias que, por não terem tido a oportunidade de aprender a ler e escrever, não se utilizam de práticas de escrita, mas separam momentos de seu cotidiano para contar causos, histórias que ouviram de seus antepassados ou conversar sobre suas tarefas do dia a dia.

Independentemente dessa pluralidade de situações, pode-se afirmar que todas as famílias podem participar e contribuir com o processo de alfabetização, mediante a

exploração de seus saberes e experiências com as práticas de leitura, de escrita e de oralidade.

Nessa direção, é importante reconhecer que quanto mais sabemos sobre as experiências das crianças e de seus familiares, melhor se fará a ponte entre a escola e o cotidiano familiar, de maneira a enriquecer e favorecer o processo de alfabetização e letramento. Sendo assim: Como conhecer melhor estas famílias? Com quais estratégias podemos chegar mais perto de seus saberes?

Roteiro:

Uma maneira de saber como as famílias vivenciam os usos da escrita em casa, nas ruas ou no trabalho é conversando com as crianças, no cotidiano da sala de aula, no momento em que são apresentados materiais escritos, indagando se estes estão presentes na vida de sua família. Outro instrumento pode ser o de entrevistas e dinâmicas em que as famílias e crianças possam vivenciar situações em que relembram o passado, tendo como foco o mundo da escrita. A partir disso e considerando que o foco deste módulo reside nos usos da leitura e da escrita vivenciados pela família, o encontro será organizado em **3 momentos**, os quais estão detalhados a seguir. Além disso, o módulo/encontro 1 terá **duas etapas preparatórias**, também descritas a seguir.

Objetivos do módulo:

- Sensibilizar os familiares sobre temas envolvendo a alfabetização na vida e na escola;
- Incentivar as famílias a compararem as experiências relatadas nos textos que serão lidos com suas brincadeiras de infância, refletindo se e como estiveram presentes elementos da cultura alfabética em suas famílias e comunidades (saber o alfabeto; saber a ordem das letras; riscar e escrever para brincar; cantar músicas ou dizer brincadeiras com o nome das letras; ter letras bordadas em algum tecido ou utensílio doméstico); e
- Envolver familiares, estudantes e professores na pesquisa e na divulgação inicial dos escritos encontrados a partir de pesquisa sobre “A escrita na minha comunidade: um primeiro olhar”.

Etapas preparatórias

Etapa preparatória 1 (para o terceiro momento do módulo 1):

Três semanas antes de iniciar a oficina, os professores do ciclo de alfabetização deverão estimular os estudantes a fazer uma caça aos escritos existentes nas ruas de sua comunidade, registrando os achados através de desenhos, fotografias ou outros recursos que permitam identificar como identificam a circulação da escrita na comunidade. Esses registros deverão ser recolhidos pelos professores, para a produção de um mural que será posteriormente utilizado no terceiro momento deste módulo.

Etapa preparatória 2 (para o momento de abertura do módulo 1):

Na semana anterior à realização do módulo 1/encontro, os professores deverão trabalhar com as crianças a escrita coletiva de um cartaz ou de vários cartazes de boas-vindas aos familiares. Além dos cartazes, cada criança (com a ajuda dos colegas e do professor) poderá escrever um bilhete ou uma carta, com uma mensagem carinhosa para o membro de sua família que irá participar da oficina. A elaboração dessa carta ou bilhete poderá se dar por meio de desenhos, colagens e escrita. Esse material será usado no início dos trabalhos

DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 1

Momento 1 – Quebra do gelo e sensibilização a partir de um texto literário

Tempo: 15 minutos

Materiais: Fragmento do livro *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, de Bartolomeu Campos de Queirós, e letra da música *ABC do sertão*, de Luiz Gonzaga. Recomenda-se que o texto e a letra da música sejam projetados por meio de projetor multimídia, com vídeo e áudio para o caso da música. Também se sugere que a letra da música seja reproduzida em folhas de papel A4, distribuídas para os participantes, para que eles possam acompanhar a canção se assim o desejarem.

Reprodução dos materiais:

Texto 1 - Fragmento do livro *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*, de Bartolomeu Campos de Queirós

*Escrever, eu já andava rabiscando mesmo antes de entrar para a escola.
Escrevia nas paredes do galinheiro, no cimento do tanque ou no passeio da*

rua. Arranjava um pedaço de carvão, de tijolo, de caco de telha, de pedra de cal. Minhas irmãs me pediam para traçar amarelinha no quintal. Eu caprichava. Usava uma vareta de bambu sobre a terra batida. Além de fazer as casas bem quadradas e certas, ainda escrevia os números e as palavras céu e inferno. De tanto as meninas pularem em cima, as palavras se apagavam, aos poucos, mas escrever de novo não era sacrifício para mim. (Queirós, 2004, p. 32).

Texto 2 - Letra da música *ABC do Sertão*, de Luiz Gonzaga

*Lá no meu sertão pros caboclos lê
Têm que aprender um outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê*

*O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê*

*Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê*

*A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê*

*Lá no meu sertão pros caboclos lê
Têm que aprender outro ABC
O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê*

*O jota é ji, o éle é lê
O ésse é si, mas o érre
Tem nome de rê*

*Até o ypsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê*

*A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê*

*Até o upsilon lá é pissilone
O eme é mê, i o ene é nê
O efe é fê, o gê chama-se guê
Na escola é engraçado ouvir-se tanto ê*

*A, bê, cê, dê
Fê, guê, lê, mê
Nê, pê, quê, rê
Tê, vê e zê*

Composição: Luiz Gonzaga

Fonte: <https://www.lettras.com/luiz-gonzaga/47079/>

Desenvolvimento:

Passo 1: Recepcionar os participantes com a apresentação do cartaz e das cartas e bilhetes produzidos pelas crianças na etapa preparatória.

Passo 2: Após recepcionar os participantes e explicar a dinâmica do encontro, fazer a leitura do fragmento do texto de Bartolomeu Campos de Queirós e, em seguida, projetar, em áudio e vídeo, a música de Luiz Gonzaga.

Passo 3: A partir da leitura do fragmento do texto de Bartolomeu Campos de Queirós e da audição da música de Luiz Gonzaga, o facilitador deve estimular os participantes a falarem sobre o que ouviram/leram. Pode-se buscar estabelecer relações entre o que os textos “narram” e como cada um se identifica ou não com eles a partir de sua experiência pessoal.

Momento 2 – Produção de um alfabeto (de A a Z) com palavras

Tempo: 30 minutos

Materiais: Fragmento do livro *Ler, escrever e fazer contas de cabeça*, de Bartolomeu Campos de Queirós (reprodução abaixo, na descrição do passo a passo); papel A4, lápis ou caneta.

Conteúdo:

Os abecedários foram e são construídos com a ordem do alfabeto e serviram a diferentes funções. Os abecedários infantis de maior divulgação atravessam pelo menos três séculos. A sua organização inspira várias publicações para crianças até os dias atuais, como abecedários de animais, de brincadeiras, de invenções. Alguns foram e são usados

para ensinar a ler e outros para agregar conteúdo informativos, literários ou humorísticos. Uns apareceram em forma de cartões com as letras e podem inspirar jogos em que um cartão é sorteado e a pessoa pode falar o nome da letra ou do tema de cada letra. Outros, os mais comuns, aparecem em formato de livro. Ressalvadas as diferenças, as letras em ordem alfabética e bem destacadas aparecem no início da página. O abecedário também foi e pode ser um material lúdico e de apoio à alfabetização. Muitos deles foram organizados com palavras ou com palavras e uma explicação, como, por exemplo, os abecedários de animais. Vários livros para ensinar a ler e escrever no século XIX também se chamavam abecedários ou cortas do ABC. Assim, há muitas formas de organizá-los e diferentes funções e usos. Na verdade, o uso do abecedário como um objeto visual e para várias finalidades tem um ponto em comum: o significado que tem a cultura alfabética nas sociedades cuja escrita se faz com as letras.

Desenvolvimento:

Passo 1: Leitura, pelo facilitador, do fragmento do livro *Ler, escrever e fazer contas de cabeça*, de Bartolomeu Campos de Queirós

A professora gostava de vestido branco, como os anjos de maio. Carregava sempre um lenço dobrado dentro do livro de chamada ou preso no cinto, para limpar as mãos, depois de escrever no quadro negro. Paninho bordado com flores, pássaros, borboletas. Ela passava o exercício, e de mesa em mesa ia corrigindo. Um cheiro de limpeza coloria o ar quando ela passava. Sua letra, como era bem desenhada, amarradinha uma na outra!

Parecia com a do ramallete espiritual oferecido a Dona Orozina pelo seu aniversário. Redonda, fácil de decifrar, sem sair da linha, como se aprendida depois do horizonte. Ninguém tinha maior paciência, melhor sabedoria, mais encanto. E todos gostavam de aprender primeiro para fazê-la feliz. Eu, como já sabia ler um pouco, fingia não saber e aprendia outra vez. Na hora da chamada, o silêncio ficava mais vazio e o coração quase parado esperando a vez de responder: “presente”. Cada um se levantava em ordem alfabética e, com voz alta, clara, vaidosa, marcava sua presença e recebia mais uma bolinha azul na frente do nome. Ela chamava o nome por completo, com pedaço da mãe e o pedaço do pai. Queria ter mais nome para ela me chamar mais tempo.

O giz, em sua mão, mais parecia um pedaço de varinha mágica de fada, explicando os mistérios e, se economizava o quadro, para caber todo o ponto, nós também aproveitávamos bem as margens do caderno, escrevendo nas beiradinhas das folhas. Não acertando os deveres, Dona Maria, elogiava a letra, o raciocínio, o capricho, o aproveitamento do caderno (Queirós, 2004, p. 34-35).

Passo 2: Após a leitura, deve ser perguntado aos participantes se eles apreciaram o trecho do texto literário, abrindo espaço para que possam comentar brevemente sobre o que ouviram. No grupo de participantes pode haver familiares alfabetizados ou não alfabetizados. Por esta diversidade, o facilitador deve deixar que falem sobre sua relação com a escola no tempo da alfabetização ou que falem sobre porque não puderam frequentar a escola, garantindo acolhimento a todos.

Passo 3: Organizar os participantes em 5 grupos. Em cada grupo os familiares vão dizer, escolher e registrar numa folha algumas palavras, de modo a explicar o que elas representam para eles. Cada grupo pode eleger um escriba, para caso os familiares não dominem a modalidade escrita da língua. O grupo vai precisar desse registro escrito para ditar as palavras que vão entrar num abecedário.

Passo 4: Registro das palavras no abecedário, a partir de duas opções.

Opção 1 - O facilitador prepara um caderno com uma página para cada letra e os familiares ou grupo vão escrevendo as palavras que discutiram até preencher o alfabeto que será lido para todos;

Opção 2 - O facilitador faz um arquivo em editor de texto ou slide, no computador, com uma página para cada letra (com a letra destacada e colorida) e os grupos vão ditando as palavras que listaram

Na finalização deste momento, se não forem preenchidas algumas letras, não há problema. O importante é que os participantes vejam o resultado da produção no telão ou no caderno manuscrito destinado a este registro e sintam que contribuíram para a construção do alfabeto a partir de palavras que marcam suas memórias e experiências.

Momento 3 - Os escritos na/da nossa comunidade

Tempo: 40 minutos

Materiais: Organização de um mural com registro sobre os escritos que circulam na comunidade.

Conteúdo:

As necessidades de alfabetização e letramento de uma sociedade são diferenciadas em cada tempo e espaço, por isso, o ambiente social reflete os múltiplos usos que as pessoas ou grupos fazem da escrita. Os espaços rurais ou de cidades pequenas, médias e

grandes são repletos de escritos com fins de localização (placas com os nomes das ruas, letreiros de ônibus, etc) publicidade (anúncios de produtos e serviços) comércio (nomes de lojas, de mercados, de mercadorias em prateleiras de supermercados e farmácias, caixas eletrônicos, etc.), indicações institucionais (nomes de igrejas, templos, terreiros, escolas, delegacias, correios, bancos, caixas eletrônicos). Além destes escritos, geralmente com letras maiores e chamativas, circulam por esses espaços folhetos, faixas e impressos variados, em materiais de pequeno porte. Também são comuns escritos pregados em carroças, barracas, carrinhos de mão e outros artefatos materiais, contendo, por exemplo, indicação de serviços ou produtos à venda. Há também outros usos menos convencionais da escrita no meio social, como mensagens amorosas ou espirituais em muros, locais de avisos ou mesmo em bancos de praça. Ou seja, mesmo que não percebamos, a escrita permeia a vida e o cotidiano das pessoas, independentemente do local em que vivem e do modo como dominam ou não a modalidade escrita da língua. Por isso, neste terceiro momento do módulo 1, o foco recairá sobre os escritos presentes na rua e nos estabelecimentos ou instituições. Na comunidade onde as famílias e estudantes residem deve haver usos que se destacam e que são comuns, o que leva a uma necessidade de saber quais prevalecem. Cabe também saber como aqueles que não sabem ler e escrever usam as informações orais e visuais como sistema de referência. Todos estes usos e saberes existentes numa determinada comunidade revelam quais oportunidades de ler, escrever e falar e precisam ser descortinados pelas crianças e discutidos com os familiares e escola.

Desenvolvimento:

Passo 1: Levar para o espaço do encontro os registros coletados pelas crianças na etapa preparatória 1. O facilitador vai informar que se tratam de registros feitos pelas crianças depois de uma “caçada” aos escritos na comunidade. Caso algum estudante esteja presente, poderá contar como fizeram a pesquisa, se tiveram ajuda dos familiares ou de membros da comunidade.

Passo 2: Serão confeccionados painéis onde os participantes vão escolher onde colocar determinado tipo de escrito, com os seguintes títulos

- uso comercial
- uso publicitário
- uso para localização
- uso religioso

- uso para divulgar serviços
- outros usos

Passo 3: Os painéis serão montados e deverão ser guardados para o terceiro módulo, quando do encerramento da oficina, para apresentação dos trabalhos feitos durante as oficinas com o tema “Família e alfabetização”. Ainda com relação à montagem do painel, o facilitador deve estimular os participantes a refletir sobre como diferentes modos de usar a escrita se relacionam às diferentes finalidades de uso dela. Assim também, devem estimular a reflexão sobre como todos nós vivemos rodeados pela escrita e interagimos com ela, independentemente do grau de autonomia que temos com relação às práticas de leitura e de escrita. Ou seja, estimular a desconstrução do estereótipo de que quem não foi alfabetizado está à margem das culturas escritas.

Avaliação do módulo/encontro: A avaliação será feita com os familiares de forma oral, pedindo que cada um deles escolha uma palavra que sintetize o que de mais significativo ocorreu durante o tempo de atividade coletiva. O facilitador deve registrar as palavras escolhidas por cada participante, com breve anotação sobre a explicação para a escolha dessas palavras.

MÓDULO 2: Famílias, comunidade e letramento

O tema deste encontro faz-se fundamental para desconstruir a ideia de que a leitura, a escrita e oralidade estão presentes apenas em situações pontuais de nossa vida, não perpassando o cotidiano daqueles que não tiveram acesso à escolarização e à alfabetização. Busca-se refletir sobre como familiares, a partir de suas práticas cotidianas, podem contribuir com o processo de alfabetização na escola, a partir da observação e intensificação de situações comuns do dia a dia no que tange à interação com as culturas escritas.

Foco do módulo: sensibilização do público alvo para as práticas de leitura, escrita e oralidade que perpassam o cotidiano familiar de que modo essas práticas possam fortalecer as ações escolares em torno da alfabetização.

Detalhamento do tema do encontro

A alfabetização pode ser definida como o aprendizado, pela criança, da forma como a escrita representa a fala no nosso sistema alfabético. Na sua origem, a escrita foi inventada para ajudar no comércio, nas atividades de transporte de mercadorias, para registrar textos religiosos e leis, para registrar textos literários e deixar uma história escrita para as outras gerações. As práticas de uso da escrita, assim como as condições resultantes desse uso para pessoas e grupos, são chamadas de *letramento*.

No século XXI, podemos dizer que as crianças que convivem com o mundo letrado, em situações onde a escrita está presente em diferentes modalidades de uso, já vêm para a escola com conhecimentos prévios, com hipóteses sobre como se escreve, mesmo sem deter conhecimentos convencionais sobre a escrita. Em casa, elas usam lápis e papel para inventar escritos e desenhos, fazem de conta que estão brincando de ler quando passam os olhos e os dedos nas páginas de um livro, simulam trabalhar em supermercado, escritório, em consultório médico, fingem que estão escrevendo preços, receitas, cartas. Se as crianças observam os membros da família lendo ou escrevendo, seus conhecimentos se enriquecem e se diversificam, pois tomam contato com outras práticas de uso da leitura e da escrita. Isso se dá, por exemplo, em situações, como quando explicamos a elas que iremos elaborar uma lista de compras, como redigimos ou buscamos um endereço, como pesquisamos algo no aparelho celular, como observamos o panfleto do supermercado, como identificamos uma correspondência ou como analisamos um rótulo de um produto. Também situações de leitura de livros, contação de histórias ou “causos” e observação de escritos que aparecem na TV corroboram para esse enriquecimento e diversificação. Todas essas situações propiciam às crianças uma percepção sobre os vários usos da escrita em nosso cotidiano, mesmo nas coisas simples do dia a dia doméstico.

Paralelamente a isso, a escola atua no ensino da leitura e da escrita a partir de suas convenções, sempre de maneira a articular esses saberes com as demandas de comunicação para além da escola. Com isso, os alfabetizadores, ao planejar as atividades escolares, buscam ajudar os estudantes a conhecer e grafar as letras, a comparar escrita de nomes, identificar letras que se repetem e fazem o mesmo som, a ouvir uma palavra e tentar registrar com letras o que se fala, favorecendo a aquisição da linguagem escrita da língua portuguesa. Além de saber como as letras representam os sons e como se combinam para formar palavras, as crianças também precisam saber as convenções da escrita que envolvem o direcionamento da escrita (esquerda para a direita e de cima para baixo) e seu alinhamento na página, assim como aspectos mais ligados aos usos contextuais e às finalidades discursivas e comunicativas.

Por essa razão, as práticas de alfabetização podem envolver diferentes metodologias, porém, é preciso ter em mente que de nada adianta dominar essas convenções se não compreendermos os usos sociais da leitura e da escrita. Nesse sentido, cabe refletir de que maneira a escola articula os saberes em relação à alfabetização e os usos que as crianças vivenciam com relação à leitura e a escrita em seu cotidiano, para além dos muros da escola.

Conhecer os usos que os familiares fazem da escrita, como os impressos que circulam no ambiente doméstico e de que maneira isso pode auxiliar nas práticas escolares de alfabetização é um ponto crucial para a formação das crianças. É na aproximação entre escola e família que as práticas de alfabetização podem ganhar um verdadeiro sentido, de modo a se articular processos de letramento que ressignifiquem os saberes escolares relativos à alfabetização.

O excerto abaixo, retirado do livro *Ler e escrever: entrando no mundo da escrita*, dos autores franceses Anne-Marie Chartier, Christiane Clesse e Jean Hébrard (1996), ajuda a pensar no desafio que é conhecer e dialogar com as experiências das crianças e das famílias no que tange ao mundo da escrita. Os mesmos autores propõem algumas explorações dos escritos que inspiraram este módulo:

Aprender a ler é entrar no mundo da escrita. Antes de chegar ao domínio da leitura, a criança faz um verdadeiro percurso, desde a etapa em que sabe ver que há qualquer coisa escrita num objeto àquela em que, sem ainda saber realmente ler, é capaz de compreender um bom número de mensagens só pelo fato de que tem familiaridade com o contexto no qual elas aparecem. Muitas crianças aprendem desta forma, em suas famílias, que os escritos existem, que os adultos os utilizam e há nisso algo que desencadeia uma curiosidade precoce acerca dos sinais gráficos e das mensagens que eles contêm.

Essa curiosidade revela-se muito diversamente, pois uma criança que não sabe ler sequer pode se dar conta de que alguém lê, pois é um ato silencioso, invisível e rápido. Para que esta tomada de consciência aconteça, é preciso que os adultos mostrem que estão lendo, por exemplo, acompanhando a focalização do seu olhar com gestos perceptíveis ou comentando seus atos cotidianos de leitura em voz alta (“vejamos... qual é o nome desta rua? O que há dentro deste vidro de conserva? O que anuncia o programa de televisão para esta noite?”). Desta forma, a vida cotidiana pode tornar-se cheia de ocasiões propícias a estimular a curiosidade dos futuros pequenos leitores; mas esta desenvolve-se ou extingue-se de acordo com a capacidade do meio de estar mais ou menos atento às perguntas, descobertas e primeiras observações. Ao ingressar na escola maternal ou no

curso preparatório, as crianças têm, com os escritos que nos cercam, familiaridades muito diferenciadas. Tudo leva a pensar que a aprendizagem é facilitada por uma familiarização prévia e os pais são tão mais vigilantes em relação a isso quanto mais alto seu nível de escolaridade. Se quisermos evitar o fracasso e proporcionar a todos condições favoráveis à iniciação na escrita, é preciso que se pense numa pedagogia da leitura que leve em consideração experiências culturais diferentes dos alunos e que não suponha já adquirido o que está apenas em vias de constituição.

Uma das primeiras tarefas da escola é, pois, proporcionar uma pedagogia da cultura escrita que considere muito concretamente experiências infantis. As aquisições extra-escolares efetuadas em casa, no bairro ou na rua podem e devem servir de ponto de apoio para as aprendizagens feitas em aula. Mas, não se pode, de saída, contar infalivelmente com esses pré-conhecimentos: para muitas crianças eles são pouco elaborados. Para outras, existem uma tal clivagem entre a escola e a vida cotidiana que elas sequer sonham utilizar seus conhecimentos empíricos na sala de aula. (Chartier; Clesse; Hébrard, 1996, p. 25-26)

Roteiro:

O módulo 2 se relaciona ao levantamento e reflexão das práticas de uso da escrita no espaço doméstico dos estudantes. Um ponto crucial para a alfabetização escolar é conhecer os materiais escritos que circulam em casa e como a leitura e a escrita são utilizadas no cotidiano fora da escola.

Para isso, o módulo/encontro 2 está organizado em **3 momentos**, com **duas etapas preparatórias**. Visa-se com isso explorar as práticas de uso da escrita e da leitura em casa e a presença das escritas na família, de modo a entender como as crianças podem se beneficiar destes usos e como a escola pode conhecer melhor os letramentos nas famílias.

Objetivos do módulo:

- Estimular a reflexão sobre como a leitura e a escrita perpassam o cotidiano das famílias, mesmo naquelas em que os familiares não dominam as formas convencionais do ler e do escrever;
- Aproximar as práticas de alfabetização levadas a cabo na escola com os usos da leitura e da escrita que as famílias fazem em seu cotidiano; e
- Refletir sobre como escola e família podem se aproximar e interagir em prol da alfabetização das crianças.

Etapas preparatórias

Etapa preparatória 1 (para o primeiro e segundo momento do módulo 2):

Três semanas antes da realização do módulo/encontro 2, deverá ser entregue às crianças um questionário a ser respondido em casa pelos familiares e devolvido a tempo de a escola computar os resultados em gráficos. Esse questionário tem como finalidade conhecer melhor a realidade das famílias, a fim de se articular as possibilidades de essa corroborar com o papel da escola em garantir a alfabetização das crianças.

Os questionários que as famílias responderam deverão serão analisados pelo facilitador ou por um membro da equipe escolar, resultando na produção de gráficos que serão apresentados aos participantes.

A seguir, apresenta-se o questionário sugerido, o qual pode ser adaptado em função da realidade e de outras demandas que a escola perceber como necessárias e importantes:

Questionário para pesquisa com as famílias

Esta atividade tem como objetivo conhecer as taxas de escolaridade das famílias, os materiais escritos que circulam em casa, suas práticas de leitura, de escrita e de oralidade.

Na família, quantos são alfabetizados? Quantos e quem não sabe ler e escrever?

Sobre o grau de escolarização dos pais ou outros familiares que cuidam das crianças, sistematizar os dados, de um por um conforme indicativos abaixo:

- é alfabetizada
- completou o ensino Fundamental
- completou o ensino médio
- completou o ensino superior

Qual o nível de escolaridade dos irmãos ou outros parentes que moram na mesma casa?

Nível de escolaridade

- sabe ler e escrever
- completou o 5º ano do ensino fundamental
- completou o 9º ano do ensino Fundamental
- completou o ensino médio
- completou o ensino superior

Em casa, quem se responsabiliza por acompanhar as atividades escolares das crianças?

Quais pessoas ficam em casa, que sabem ler e escrever, que poderiam acompanhar as crianças em alguma atividade para fazer em casa?

- pai

- mãe
- irmãos
- parente
- amigo
- outros

Quais materiais escritos a família tem em casa? Quais usa com as crianças ?

- livros de literatura tem usa
- livros didáticos tem usa
- livros religiosos tem usa
- jornais tem usa
- sites digitais tem usa
- outros

Se houver outros tipos de materiais escritos em casa, quais são?

Informe quais são as práticas desenvolvidas pela família com as crianças, que envolvem leitura

- Leitura ou escrita de mensagens de celular
- Leitura ou escrita de receitas culinárias
- Leitura ou escrita de bilhetes
- Leitura ou escrita de listas
- Leitura de livros religiosos
- Leitura de livros infantis
- Leitura de rótulos das embalagens
- Leitura de notícias
- Não temos condições de realizar nenhuma destas práticas de leitura e escrita
- Outros (citar, caso haja, outras experiências de leitura e escrita em família, envolvendo as crianças que estejam sendo realizadas em casa, independentemente da escola solicitar)

A família realiza atividades de escrita em casa? Quais?

- bilhetes
- listas de compras
- cartas
- diários
- mensagens no *WhatsApp*
- escrita em aplicativos como *Instagram, Facebook*
- cadernos de receitas
- escrita para algum jornal ou blog
- atividades de estudo
- outros? Quais?

Citem situações de escrita e de leitura que os membros da família desenvolvem no ambiente de trabalho

Há na família algum membro que gosta de contar histórias e causos? Quem?

Caso gostem de contar histórias e causos, usa como apoio algum livro ou aprendeu de memória?

Etapa preparatória 2 (para o terceiro momento do módulo 2):

Um mês antes da oficina, será pedido às crianças que desenhem ou fotografem coisas escritas que tiverem encontrado em casa. Elas também vão colocar numa sacola caixas ou embalagens com coisas escritas. Em sala de aula, deverão escrever em folhas A4 os nomes dos produtos registrados. Essa atividade será denominada “Caçada aos escritos de minha casa”.

DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 2

Momento 1 – Mobilização inicial - as escritas “domésticas”

Tempo: 15 minutos

Materiais: Projetor multimídia, letras de música impressa em papel A4.

Conteúdo:

É muito comum as pessoas que não tiveram acesso à escolarização ou que não dominam plenamente os usos convencionais da leitura e da escrita considerarem que pouco podem contribuir com o processo de alfabetização das crianças com as quais convivem. Por essa razão, também encontram dificuldade em reconhecer que o ambiente doméstico, mesmo que de forma não intencional, pode ser um grande aliado na aprendizagem inicial da leitura e da escrita. Dessa forma, esse primeiro momento tem como foco iniciar a sensibilização para como as culturas escritas das famílias podem se relacionar à alfabetização e ao letramento.

Desenvolvimento:

Passo 1: O facilitador dá as boas-vindas aos participantes com uma música que tematize usos pessoais e domésticos da escrita. Os participantes poderão cantar a música com a letra reproduzida numa folha de papel A4, com por meio da reprodução no projetor multimídia.

Sugestão de música

Pombo Correio - Moraes Moreira e Dodô e Osmar

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HDafsq9YQhQ>

Passo 2: Depois da audição da música, o facilitador pode estimular os participantes a comentar se costumam receber cartas ou bilhetes, se costumam escrever cartas ou bilhetes e em quais situações usam a escrita para organizar sua rotina. A partir dessa sensibilização inicial, o facilitador pode explicitar os objetivos e o foco do módulo/encontro 2.

Passo 3: Com base nas respostas dos participantes, o facilitador pode promover uma reflexão que envolve a presença das culturas escritas dentro do ambiente doméstico com os dados da pesquisa realizada a partir da atividade preparatória 1.

É importante observar que o foco dessa articulação não é expor os familiares, categorizando quem é alfabetizado ou não ou qual família possui pessoas alfabetizadas ou não. O objetivo é mostrar que, mesmo diante da diversidade possivelmente identificada, as culturas escritas perfazem o cotidiano de todas as pessoas, o que as tornam aptas para contribuir com o processo de alfabetização das crianças que acompanham. Trata-se de reflexão que busca o empoderamento das famílias a partir de seus saberes e experiências.

Momento 2 – (Re)conhecendo as culturas escritas no cotidiano doméstico

Tempo: 40 minutos

Materiais: Projetor multimídia ou cartaz com materiais coletados pelas crianças; fragmento de texto reproduzido na descrição do desenvolvimento.

Conteúdo:

Esse momento destina-se a promover com as famílias a reflexão sobre como a leitura e a escrita perpassam de diferentes maneiras o cotidiano de cada um, independentemente do nível de autonomia que temos com relação às práticas de leitura e de escrita. Mesmo em famílias constituídas de pessoas alfabetizadas, nem sempre é perceptível que o nosso dia a dia é rodeado pela escrita. Sendo assim, será estimulada essa reflexão, a partir também da pesquisa efetuada na etapa preparatória 1, a qual servirá de

base também para se refletir sobre como a escola e a família podem atuar conjuntamente no fortalecimento das práticas de alfabetização.

Desenvolvimento:

Passo 1: Apresentar por meio de projetor multimídia ou em cartazes alguns dos dados sintetizados a partir da pesquisa efetuada com as famílias na etapa preparatória 1. Enfocar neste momento os seguintes aspectos coletados por meio da pesquisa:

- O que passamos a conhecer mais sobre nossas famílias?
- Quais textos e práticas de *escrita* são mais frequentes e mais raros?
- Quais textos e práticas de *leitura* são mais frequentes e quais são mais raros?
- Como as práticas com leitura e escrita se relacionam com trabalho, religião e outros fatores?
- Quando vocês usam a escrita ou a leitura, costumam comentar com as crianças?

Passo 2: Após a apresentação, o facilitador deverá fazer a leitura do fragmento, de nossa autoria, reproduzido abaixo:

No século XXI podemos dizer que as crianças que convivem com o mundo letrado, em situações onde a escrita está presente em diferentes modalidades de uso, já vêm para a escola com conhecimentos prévios, com hipóteses sobre como se escreve, mesmo sem saber conhecimentos convencionais. Em casa, elas usam lápis e papel para inventar escritos e desenhos, fazem de conta que estão brincando de ler, quando passam os olhos e os dedos nas páginas de um livro, simulam trabalhar em supermercado, escritório, em consultório médico, quando fingem que estão escrevendo preços, receitas, cartas. Se as crianças observam os membros da família lendo ou escrevendo, seus conhecimentos se enriquecem mais ainda quando estes se dedicam a demonstrar, na prática, como e por que usam a escrita. Assim, as crianças terão várias oportunidades de saber que as letras aparecem quando alguém escreve algo, se alguém em casa dia a dia a elas: “vou fazer uma lista para não esquecer de comprar algo”, “aqui está escrito o endereço para achar o médico”, “vou ler a carta que chegou de um parente”, “vamos deixar um bilhete para seu pai dizendo que fomos à casa da avó”, “vou ler para você uma história”, “vou ler uma receita para fazer um bolo”. Todos estes comportamentos dão indicações para as crianças que escrever faz sentido porque a sociedade usa a escrita para várias coisas.

Passo 3: Após a leitura, sondar os participantes sobre como eles costumam agir quando leem e escrevem quando os filhos estão presentes no ambiente e se costumam comentar com seus filhos sobre o que estão lendo e escrevendo. O facilitador deve efetuar registros das falas, para poder recuperar os dados se necessário.

Momento 3 - Formas de (re)ver e (re)ler o mundo

Tempo: 40 minutos

Materiais: Livro *O menino que aprendeu a ver*, de Ruth Rocha; materiais e registros coletados na etapa preparatória.

Conteúdo:

Aprender a ler e escrever compreende um outro modo de também ver e interagir com o mundo, com as pessoas e com as coisas ao nosso redor. Nesse sentido, ao olharmos para a nossa volta, atentando-se para como a escrita perpassa nosso cotidiano, podemos também melhor compreender de que maneira o que se faz na escola pode ser potencializado em ações simples do ambiente doméstico. Considerando os aspectos desenvolvidos nos momentos anteriores deste módulo, este se destina a buscar modos de reconfigurar nossa visão e nossa leitura sobre o entorno no qual nos inserimos.

Desenvolvimento:

Passo 1: O facilitador deverá fazer a leitura do livro *O menino que aprendeu a ver*, de Ruth Rocha, que se encontra entre os livros aprovados e distribuídos pelo PNLD Literário para os anos iniciais do ensino fundamental.

A partir da leitura, que enfoca como o personagem passou a “ver” o mundo se modificar na medida em que ele aprendeu a ler e a escrever, o facilitador deverá estimular os participantes a “ver” como as culturas escritas convivem com eles dentro de casa.

Passo 2: A partir dessa reflexão inicial, o facilitador apresenta os registros e materiais que as crianças coletaram em suas próprias casas e que demonstram a presença das culturas escritas.

Passo 3: Os participantes serão convidados a complementar esses registros, elencando outras situações em que a escrita se faz presente em suas casas e que poderiam auxiliar no processo de alfabetização. O facilitador deverá registrar essas complementações em cartaz ou em arquivo digital, projetado por meio de recurso multimídia.

Passo 4: Após a complementação da pesquisa sobre culturas escritas no ambiente doméstico, o facilitador deverá provocar a reflexão sobre como diferentes escritas ocupam

papéis distintos em nossa vida. Para isso, deve convidar os participantes a refletir de modo a categorizar os registros feitos por eles e pelas crianças, a partir das esferas discursivas ou situações comunicativas, como: -texto com informação nutricional

- texto com informação sobre perigos
- texto com informação sobre como usar
- texto com informação sobre como fazer
- texto para convencer a comprar
- texto com informação sobre pagamentos
- texto com informação sobre evento
- texto com informações sobre notícias e avisos

Passo 5: O facilitador vai comentar como essas funções sociais da leitura e da escrita se misturam e como ao olharmos mais atentamente os modos como a escrita circula em nosso cotidiano aprendemos a “ver” e “ler” de outras maneiras. Para isso, pode-se tomar como exemplo situações em que os produtos se utilizam de recursos visuais para enfatizar seus benefícios nutricionais ou como sinalizam eventuais perigos que o uso pode acarretar. Também o facilitador pode estimular os participantes a demonstrar suas estratégias para ler e escolher produtos que utilizam em casa, como analisam panfletos de propaganda ou como registram informações ou direcionam recados e bilhetes para garantir a efetividade de sua comunicação em situações não formais.

Ao final, o facilitador pode provocar algumas reflexões sobre como essas situações e as estratégias de leitura dos participantes podem incentivar as crianças a ler, tornando o ambiente doméstico em um ambiente alfabetizador.

Avaliação do módulo/encontro: A avaliação será feita a partir da pergunta: o que a oficina nos ajudou a compreender sobre os usos que as famílias fazem da escrita em casa? Como é possível, a partir das experiências, saberes e vivências próprias estimular a alfabetização para além da escola?

MÓDULO 3: Parceria entre família e escola na alfabetização

O terceiro módulo/encontro será um momento de culminância no qual familiares e escola vão discutir as possibilidades de articulação entre ambas no processo de alfabetização. Considerando que já foram desenvolvidas discussões sobre como a comunidade e o espaço doméstico revelam práticas de uso da leitura e da escrita fora da escola, este módulo/encontro será destinado a pensar articulações possíveis entre o que a

escola faz e o que os familiares podem fazer para favorecer a aquisição da língua escrita por parte das crianças. Para isso, serão explorados alguns temas, como:

- O que faz a escola quando alfabetiza;
- Como articular os saberes das famílias com as práticas escolares;
- Como a família pode se envolver com as práticas escolares;
- Como pode a escola fomentar/induzir práticas de leitura e escrita em casa.

Foco do módulo: Sensibilização do público-alvo para as possibilidades de atuação, em parceria com a escola, no fortalecimento das práticas de alfabetização.

Detalhamento do tema do encontro

A escola tem suas formas próprias de trabalho com a alfabetização e que os familiares precisam conhecer. Nesta etapa da escolarização, é preciso que as crianças ampliem os usos da escrita quando os professores leem para elas livros de literatura, quando incentivam o manuseio de livros no cantinho de leitura, ou mesmo quando manipulam a escrita no contexto da sala de aula. Todo o trabalho desempenhado pela escola gira em torno da questão “Por que precisamos saber ler e escrever”, de tal maneira que os professores buscam reforçar os mais diferentes usos sociais da leitura e da escrita, para ampliar as possibilidades de participação social e conquista da autonomia das crianças com relação às culturas letras como um direito cidadão.

Nesse sentido, quando as famílias conhecem como se dão as experiências de alfabetização promovidas pela escola, podem descobrir de que maneira podem atuar como parceiras desse processo, não no sentido de assumir tarefas e papéis que são da escola, mas como incentivadores e promotores de situações que estimulem práticas de leitura e escrita. Ou seja, trata-se de deixar a escola aberta a receber as contribuições das famílias na alfabetização, a partir do que essas famílias já desempenham em casa; e orientar as famílias sobre como se dá a atuação pedagógica da equipe escolar na promoção da alfabetização.

Para que essa articulação ocorra, é necessário ultrapassar algumas barreiras, conforme destaca Berta Braslavsky (2003), sendo uma delas a crença habitual das famílias em considerar que é papel exclusivo das escolas atuar na alfabetização e que não há nada que essas mesmas famílias possam fazer com relação à aprendizagem da leitura e da escrita.

Com base em dados da *Asociación para la Evaluación sobre los Logros Educativos*, Braslavsky (2003) mostra que o ambiente familiar é o fator mais crítico no desenvolvimento da alfabetização e que considerar que a escola é a única instituição responsável pela alfabetização pode tornar o processo mais lento e menos representativo. Evidentemente a escola é o espaço privilegiado do ensino formal da leitura e da escrita, como instituição encarregada de garantir esse direito a todas as crianças, porém, as famílias podem atuar de forma colaborativa com esse intento, reforçando situações que estimulem a alfabetização de forma plena e dentro do tempo previsto para esta etapa de escolarização.

Outro aspecto importante a se considerar na relação entre família e escola no processo de alfabetização diz respeito às experiências pessoais e os modos como cada um foi alfabetizado. Ao longo do tempo, outras teorias e métodos para se alfabetizar foram desenvolvidos, permitindo uma maior compreensão sobre todo o processo envolvido com a aquisição da leitura e da escrita. Por isso, ao aproximar a família das práticas escolares, pode-se desmistificar ideias de que métodos mais antigos e primitivos eram mais eficientes, dando clareza sobre os significados do que a escola faz em seu cotidiano para alfabetizar as crianças.

Nesse sentido, a culminância dessa oficina está na busca do encontro entre essas realidades, reconhecendo qual o papel da escola e da família no desafio de alfabetizar todas as crianças, a despeito das diferentes culturas e realidades em que cada uma delas está inserida. No conjunto dos três módulos, o que se almeja é a articulação entre elementos da vida comunitária, da vida doméstica e da escola para pensar modos de promoção do acesso à alfabetização e o letramento de forma plena. Sendo assim, o que a escola e os facilitadores podem refletir sobre a relação das crianças com a escrita desde a família e o espaço doméstico?

O trecho abaixo, escrito por Berta Braslavsky (2003) nos ajuda a pensar sobre como, no cotidiano, as crianças atuam ativamente no mundo dos escritos.

Primeiro, é preciso superar um preconceito generalizado na população sobre o que significa ler e escrever. Para entender isso, basta comparar as reações familiares às primeiras manifestações da linguagem falada com o que se espera da criança em relação à linguagem escrita. Quando o bebê balbucia e diz as primeiras palavras, ele é celebrado por aqueles ao seu redor. Eles torcem por ele, celebram seus sucessos e seus erros.

Todos aceitam que a criança está a caminho de aprender a falar. Embora ninguém a ensine, ninguém pensa que ela aprende sozinha: ela responde ao que é dito e nada lhe escapa; é sensível aos movimentos, é capaz de girar e sintonizar entonações e, pouco a pouco, constrói sua linguagem, à sua maneira, de acordo com a língua falada em seu ambiente.

Além disso, desde muito cedo, em uma casa alfabetizada, a criança percebe o que está acontecendo ao seu redor com tudo o que está escrito, dependendo do que os outros fazem: lê jornais e revistas, olha em cartilhas, reage de forma diferente dependendo do que lê, anota o que ouve ao telefone. Logo começam a ler-lhe histórias com fotos e cartas, e ela mesmo folheia livros e revistas, olha-os, morde-os, rasga-os. Aos poucos, ela começa a pedir que a mesma história lhe seja lida novamente e corrige a quem produz algum erro ou muda alguma palavra. Pouco depois o “lê” sem produzir nenhum erro.

De pronto, trata de adivinhar o que diz um letreiro ou uma embalagem e, ao mesmo tempo, se dispõe de lápis e papel, lhe enche de desenhos, traços e marcas que parecem letras ou números. E isso é o suficiente para que escreva para alguém que não está presente.

Em todos esses casos, ninguém ousaria dizer que a criança já lê e escreve. Nem mesmo para aceitar que você está a caminho de aprender a ler e escrever. Essas manifestações de leitura e escrita nem sempre são valorizadas, pois ler se confunde com decifrar e as pessoas não acreditam na possibilidade que a criança, nessa idade, tente produzir sentidos com a escrita (Braslavsky, 2003, p. 160).

Roteiro:

O módulo/encontro 3, com perfil de culminância, com base no reconhecimento das práticas de leitura e escrita vivenciadas pelas famílias e por meio da apresentação das práticas escolares desenvolvidas com as crianças, se propõe a refletir sobre as possibilidades que as famílias têm de participar da alfabetização das crianças.

Para isso, o módulo/encontro 2 está organizado em **3 momentos**, com **duas etapas preparatórias**.

Objetivos do módulo:

- Apresentar possibilidades de trabalho articulado entre a escola e as famílias no processo de alfabetização;
- Criar uma situação em que a família possa relatar como viveu a experiência de alfabetização, aproximando-a do cotidiano escolar.
- Compreender o modo como as famílias foram alfabetizadas para comparar com se dão as práticas de alfabetização hoje; e
- Estreitar os laços entre escola e família, com clareza sobre os papéis de cada uma na garantia da alfabetização como direito.

Etapas preparatórias

Etapas preparatórias 1 (para o segundo momento do módulo 3):

1ª Opção - Antes da realização do módulo/encontro, os professores alfabetizadores vão fazer relatos escritos ou gravados para apresentar aos pais, sobre o que fazem para alfabetizar as crianças. Sugere-se ressaltar as atividades que mais trabalham, as metodologias que adotam no trabalho, os materiais que usam.

2ª Opção - Para o dia de realização do módulo/encontro, Serão escolhidas duas professoras alfabetizadoras para relatar aos pais como a alfabetização é trabalhada na escola

Etapa preparatória 2 (para o segundo momento do módulo 3):

Uma semana antes da realização do módulo/encontro, será feita uma coleta de registros para uma pequena exposição que ocorrerá no momento da atividade presencial.

Essa exposição será composta por registros em fotos, de atividades que as crianças realizam na escola em práticas de alfabetização. Também podem ser fotografados os ambientes de sala de aula para mostrar como a escrita entra na composição do trabalho. Professores e estudantes vão reunir materiais escritos que produziram na sala de aula de alfabetização, como cartazes com registros de trabalhos, cadernos e materiais escritos que serão também incluídos na exposição.

DETALHAMENTO DOS MOMENTOS - MÓDULO 2

Momento 1 – A alfabetização nos tempos em que estudamos

Tempo: 20 minutos

Materiais: Projetor multimídia.

Conteúdo:

Uma das maneiras de se aproximar escola e família é compreender como se deu a experiência desses familiares com o processo de alfabetização. Embora alguns tenham experiências muito positivas e significativas, é sabido que também é comum as pessoas terem uma memória bastante complexa em relação ao tempo em que frequentaram ou foram impedidas de frequentar a escola. Ao se valorizar essas memórias, é possível se aproximar dos participantes, criando novos laços afetivos entre eles e a escola, inclusive para não se repetir situações que possam gerar traumas ou identificações negativas. Esse

primeiro momento se estrutura em torno dessa sensibilização, como forma de abertura do último módulo da oficina.

Desenvolvimento:

Passo 1: O facilitador vai projetar por meio de projeto multimídia a música *A Escola*, de Adoniran Barbosa, interpretada por Zé Ibarra. É importante informar que se trata de um tempo vivido em São Paulo e como Adoniran Barbosa nasceu em 1910, a música representa uma escola que ele conheceu e viveu naquele tempo.

Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a6JVCGEb-7o>

Passo 2: O facilitador deverá, em seguida, partindo da música, provocar reflexões sobre as experiências vivenciadas pelos participantes na escola, de modo a destacar eventuais dificuldades, facilidades ou aspectos que mereçam destaque. Importante o facilitador estar atento às suscetibilidades de cada um, buscando acolher aqueles que eventualmente se sintam constrangidos por não ter tido acesso à escolarização ou por se sentirem como não obtido sucesso apesar dos esforços empregados.

Após essa explicação inicial, o facilitador vai organizar os participantes em 5 grupos, com apoio de um auxiliar para efetuar os registros. Os grupos devem discutir as lembranças do tempo em que foram alfabetizados, partindo das seguintes perguntas:

- Em que tipo de escola você estudou?
- Em qual cidade/região?
- Em que ano foi alfabetizado?
- Era escola rural ou urbana?
- Seus pais eram alfabetizados?
- Em sua casa, havia materiais de leitura e de escrita?
- Na escola, você se lembra de como eram as lições?
- Havia algum livro ou cartilha na sua alfabetização?
- O que a professora mais cobrava na alfabetização?
- Pode dar um exemplo de algo que se repetia durante o ano em que foi alfabetizado?
- Lembra se a professora pedia para casa e o que pedia?
- Você tinha alguma ajuda de sua família no para casa?

Os participantes vão fornecer informações aos auxiliares, para que estes preencham um mapa geral das experiências de alfabetização, que serão compartilhadas em seguida.

Passo 3: O facilitador vai comentar os pontos em comum, aspectos específicos de determinada experiência, os dados que mostram o que acontecia em alguma região, os livros mais usados, os métodos que os professores usavam. Esta discussão pode mostrar o que prevalecia no tempo das experiências relatadas e o facilitador vai retomar este registro geral num cartaz que vai compor um painel no momento 2 deste encontro/módulo.

Momento 2 – Como a escola alfabetiza hoje?

Tempo: 40 minutos

Materiais: Projetor multimídia; relato dos professores (em vídeo ou de forma física) organizado na etapa preparatória; e exposição organizada na etapa preparatória.

Conteúdo:

Muitos dos conflitos vivenciados entre a escola e a comunidade na qual ela está inserida se dá pela incompreensão do papel desempenhado por essa instituição no processo de educação das crianças. No que tange à alfabetização, é preciso reconhecer que saber ler e escrever não basta para ensinar a ler e escrever. Daí a importância da aproximação dos participantes com as práticas escolares de alfabetização, de modo que possam entender de maneira mais aprofundada como se estruturam as escolhas pedagógicas e qual o sentido delas dentro de um percurso formativo que se planeja ao longo de um ano letivo.

Desenvolvimento:

Passo 1: Os participantes irão escutar os relatos ou vídeos elaborados na etapa preparatória 1 deste módulo e, em seguida, visitarão a pequena exposição organizada pelos estudantes na etapa preparatória 2.

Passo 2: Numa roda de conversa entre família e facilitador, discutir sobre as eventuais inovações ou diferenças nas práticas de alfabetização do passado e do presente, esclarecendo dúvidas que porventura possam surgir.

Momento 3 - Escola e família juntas na alfabetização das crianças

Tempo: 30 minutos

Materiais: Lousa; projetor multimídia; e papel A4

Conteúdo:

Com base nas reflexões promovidas nos encontros/módulos anteriores e no “cruzamento” das realidades sobre a alfabetização no passado e no presente, é chegado o momento de sistematizar de que maneira família e escola podem atuar conjuntamente no processo de alfabetização, descobrindo práticas simples e cotidianas que podem favorecer a aprendizagem da leitura e da escrita por parte das crianças. A proposta não é estabelecer um “receituário” ou uma lista de tarefas, mas propiciar aos participantes ganho de clareza sobre como suas ações podem ou não contribuir para a alfabetização das crianças.

Desenvolvimento:

Passo 1: O A partir das reflexões realizadas por meio da produção das memórias sobre alfabetização, do relato dos professores e da exposição organizadas pelas crianças, o facilitador deve construir com os participantes um mapa de práticas domésticas que favorecem e enriquecem o ensino da leitura e da escrita no contexto escolar.

Esse mapa pode ser construído com recurso digital, projetado por projeto multimídia, na lousa ou em cartaz.

Importante o facilitador retomar os registros dos encontros/módulos anteriores, para contribuir com a construção do mapa. A ideia é que esse mapa seja posteriormente transformado em um guia informativo para os participantes, de modo que eles possam levar para casa como um material de apoio no acompanhamento e no reforço das atividades escolares.

Como atividades que podem ser desempenhadas em casa e que favorecem a alfabetização, destacam-se, a título de exemplo:

- Cantar canções ou cantigas da tradição popular para as crianças;
- promover brincadeiras que envolvam parlendas, trava-línguas ou outros textos da tradição oral;
- Contar histórias e causos que marcam as trajetórias pessoais e familiares;

- Cantar com as crianças músicas que a família canta de uma geração para a outra, marcando partes da música ou rimas com palmas;
- Ler histórias para as crianças, explorando as imagens, se houver;
- Introduzir práticas de escrita em situações corriqueiras, chamando a atenção das crianças para essa situação (elaboração de listas de compras, por exemplo);
- Mostrar suportes da escrita que estão presentes no ambiente doméstico;
- Mostrar receitas, livros, cadernos, diários e outros impressos;
- Incentivar a leitura de letreiros de ônibus, a identificação de produtos no supermercado ou informativos encontrados na rua;
- Acompanhar os cadernos escolares, para verificar o que está sendo trabalhado na escola;
- Estimular a escrita de nomes próprios;
- Escrever em conjunto com as crianças coisas que elas ditam; e
- Promover jogos e brincadeiras que envolvem a escrita, como caça-palavras, forca e cruzadinhas.

Importante: ao produzir o mapa das ações que favorecem a alfabetização, o facilitador deve discutir com os familiares como podem empregar essas tarefas em sua rotina, estimulando a produção de exemplos.

Avaliação do módulo/encontro: A avaliação final que se propõe gira em torno da questão: Como as reflexões produzidas ao longo dos três módulos podem estreitar meus laços com a escola e com a alfabetização da(s) criança(s) com quem convivo?

Além disso, sugere-se a aplicação de uma avaliação geral sobre a oficina, elencando pontos positivos e negativos e sugestões de novas articulações envolvendo escola e família.

Continuidade

Importante esclarecer que a oficina aqui proposta não se esgota em suas possibilidades de promover uma aproximação entre escola e família, reforçando práticas que favoreçam a alfabetização. Dessa maneira, é possível que a escola planeje encontros complementares, com convidados especialistas na área ou que estimule outras atividades que permitam maior integração entre o cotidiano da escola e o contexto familiar e doméstico.

Essa continuidade pode se dar, inclusive, a partir de sugestões e apontamentos feitos pelos participantes na avaliação final.

